

Arquitetura e método projetual de Philipp Lohbauer no norte do Paraná.

Philipp Lohbauer's architecture and design method in northern Paraná.

Arquitectura y método proyectual de Philipp Lohbauer en el norte de Paraná.

OLIVO, Carla Martins

Mestre, Docente na Universidade Estadual de Maringá, olivo.carla@gmail.com.

REGO, Renato Leão

Doutor, Docente na Universidade Estadual de Maringá, rlrego@uem.br.

RESUMO

Este trabalho trata da arquitetura produzida na frente pioneira de colonização norte-paranaense na primeira metade do século XX. Mais especificamente, trata da obra do arquiteto alemão Philipp Lohbauer naquela região – mais de cinquenta edificações nas cidades de Londrina, Maringá, Apucarana, Mandaguari e Marialva na década de 1940. Embora distante da arquitetura modernista, o conjunto de projetos de Lohbauer construiu uma imagem urbana moderna, refletindo realizações metropolitanas e reforçando a intenção de progresso da zona pioneira. A principal característica do conjunto é sua variedade estilística, consoante com o caráter e o tipo das edificações. Assim sendo, este trabalho examina as diversas estratégias projetuais empregadas e discute método de trabalho deste arquiteto.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna, estratégias projetuais, caráter, tipo, Londrina.

ABSTRACT

This paper deals with the architecture produced in northern Paraná colonization zone in mid-twentieth century. Precisely, it focuses on the buildings designed by Philipp Lohbauer, a German architect responsible for designing more than fifty buildings in the cities of Londrina, Maringá, Apucarana, Mandaguari and Marialva in 1940s. Although distant from the modernist architecture, Lohbauer's buildings contributed to a modern urban image by mirroring metropolitan realizations and endorsing the local intention of progress. The major characteristic of those buildings is style variety, as a result of building character and typology. Thus, this paper examines Lohbauer's multiple design strategies and accounts for his design method.

KEY WORDS: modern architecture, design strategies, character, type, Londrina.

RESUMEN

Este trabajo trata de la arquitectura producida en la frente pionera de colonización del norte de Paraná en la primera mitad del siglo XX. Más específicamente, trata de la obra del arquitecto alemán Philipp Lohbauer en aquella región - más de cincuenta edificaciones en las ciudades de Londrina, Maringá, Apucarana, Mandaguari y Marialva en los años 1940. Aunque lejos de la arquitectura

modernista, el conjunto de proyectos de Lohbauer construyó un imagen urbano moderno, reflejo de realizaciones metropolitanas y de intención de progreso de la zona pionera. La principal característica del conjunto es su variedad estilística, conforme el carácter y el tipo de las edificaciones. En ese sentido, este trabajo examina las diversas estrategias proyectuales empleadas y discute el método de trabajo del arquitecto.

PALABRAS-CLAVE: *arquitectura moderna, estrategias proyectuales, carácter, tipo, Londrina.*

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1940 o arquiteto alemão Phillip Lohbauer projetou mais de cinquenta edificações para a zona pioneira de colonização do norte do Paraná. Os projetos coincidiram com a formação de uma paisagem urbana planejada em uma região que na primeira metade do século XX apresentou um cenário de intensa transformação, estimulada, sobretudo, pela cultura do café e materializada pela empreitada de colonização privada de capital inglês, a cargo da Companhia de Terras Norte do Paraná.

Um planejamento regional abrangente, com colonização sistemática e urbanização deliberada, produziu uma série de cidades novas a partir do final da década de 1920, que materializavam a chegada do progresso. Inicialmente, nove cidades foram fundadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) ao longo da via férrea: Londrina, Cambé, Rolândia, Arapongas, Aricanduva, Apucarana, Pirapó, Jandaia e Mandaguari. Outras três já estavam previstas (Marialva, Sarandi e Maringá) quando da venda da empresa britânica em 1944 para um grupo paulista. O desenvolvimento da região se deveu principalmente à terra fértil, à infraestrutura implantada e a propaganda eficaz, que abrangia panfletos, filmes, e anúncios em jornais e em diversos idiomas feita pela CNTP (GUADANHIM, 2002; LUZ, 1997; SUZUKI, 2003; REGO, 2009), além das formas facilitadas de aquisição da terra.

Com isso, o norte do Paraná se constituía como um campo de possibilidades e assim afluíam migrantes vindos principalmente de São Paulo e Minas Gerais, bem como imigrantes, que em sua maioria eram italianos, alemães e japoneses. Tanto que entre os anos de 1940-1950 a população dali havia crescido 186,2%, mais que o dobro do crescimento populacional do estado; na década seguinte o seu crescimento demográfico foi uma vez e meia maior que o do estado (LUZ, 1997, p.24). O colono vinha em busca de uma vida próspera e de nova identidade, muitas vezes. Nesse sentido, aos poucos,

ali se formava uma identidade pautada em conceitos de “civilização, planejamento e modernidade” (GUADANHIM, 2002, p.39).

A história do norte do Paraná começou como “um capítulo da vida paulista em território paranaense” (MÜLLER, 1956, p.55), pois essa região, embora pertencesse administrativamente ao estado do Paraná, foi considerada uma região de economia paulista (MONBEIG, 1935, p.221). Esse vínculo econômico com a metrópole paulista certamente se fez notar, transformando-se em referência cultural (REGO, 2012). Para além das ressonâncias das diversas ideias modernas de planejamento (BARNABÉ, 1998; LIMA, 2000; REGO, 2009) que já apareciam no caráter da organização do conjunto de cidades implantadas pelos “ingleses”, imagens modernas de arquitetura e urbanismo paulistanas ressoaram no norte do Paraná anos 1940 e 1950, particularmente na cidade de Londrina. Esta cidade foi a primeira implantada pela Companhia de Terras, em 1931, e logo assumiu a função de sediar e articular os capitais e fluxos do processo da colonização. Em duas décadas de ocupação, Londrina já excedia os limites do traçado urbano previamente proposto e crescia sem um controle efetivo e, por isso, buscava assessoramento para possíveis ações de melhoria urbana, através da Sociedade Amigos de Londrina – SAL¹. Além disso, a cidade paulatinamente atualizava a imagem dos seus edifícios urbanos, que mudavam de técnica construtiva (afinal as típicas construções em madeira estavam proibidas desde 1939 (YAMAKI, 2006, p.30), e que cresciam em altura, o que se pode ver na figura 01.

Figura 1: Foto aérea do centro de Londrina, início da década de 1950. As transformações urbanas, principalmente no centro da cidade aconteciam em um ritmo acelerado. Na figura são identificáveis vários edifícios públicos, como o posto de saúde e os correios além das torres da igreja matriz, o fórum e edifício ECB, projetos de Philipp Lohbauer.



Fonte: Museu Histórico de Londrina.

¹ Fundada em 1946 com 136 sócios, a SAL reunia a elite política, social e econômica da cidade, organizada em comissões temáticas para discutir ‘Melhoramentos Urbanos’, ‘Assistência Social’, ‘Educação’ e ‘Cultura’ e assessorar as decisões governamentais (LIMA, 2000).



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Sem dúvida, havia uma vontade de espelhar o mundo moderno da metrópole paulista e, com isso, a cidade (e conseqüentemente a região) contatou por profissionais de prestígio sediados em São Paulo (REGO, 2012). Isso desencadeou um processo de circulação das ideias que pode ser visto tanto no campo do urbanismo, através dos trabalhos de Francisco Prestes Maia (1896-1965), que elaborou em 1951 o 'Estudo de Urbanismo para Londrina' (LIMA, 2000; OLIVO®O, 2014) e Léo Ribeiro de Moraes (1912-1978) que projetou o Jardim Shangri-lá em 1952 (REGO, 2012), referenciando-se ao ideário cidade-jardim, quanto no campo da arquitetura. Nesse caso, a obra norte-paranaense de João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) e Carlos Cascaldi (1918-) ² é um bom exemplo desta troca cultural. Ora esses profissionais foram levados por empresas paulistanas que passaram a atuar na rica região, ora foram buscados na capital de São Paulo por meio de iniciativas locais. O arquiteto Philipp Lohbauer se encaixa em ambos os casos.

Lohbauer era alemão e, depois de graduado na Escola Politécnica de Munique, foi docente nesta mesma instituição entre 1932 e 1934 e arquiteto da prefeitura desta cidade. Acabou imigrando em 1939 em função da ascensão do nazismo, sediando-se em São Paulo, onde viveu até o fim dos nos 70. O norte do Paraná foi o local da primeira experiência profissional consistente de Lohbauer na sua nova pátria. Trabalhou principalmente como projetista para algumas construtoras, entre elas a Companhia Construtora Nacional S.A. e a Empresa de Construções Brasil (ECB), "que nos anos 1940 executou uma série de edifícios nas novas fronteiras agrícolas da época" (SUZUKI 2007, p.147) – especialmente o norte do Paraná³. Mas, mesmo assim, é certo que todos os projetos dessa primeira década, norte-paranaenses ou não, representaram para o arquiteto uma maneira inicial de adquirir experiência projetual em português, se familiarizar com os termos técnicos e os costumes locais. Do mesmo modo, é possível supor que respaldo das construtoras certamente permitiria ao arquiteto ter um campo de trabalho mais amplo.

2 Por intermédio da SAL, a dupla desenvolveu doze projetos modernistas para a cidade de caráter expoente e modernista, a partir do fim dos anos de 1940, dos quais sete projetos foram construídos: a Estação Rodoviária (1948-52), o Complexo do Edifício Autolon e do Cine Teatro Ouro Verde (1948-1951), a Casa da Criança (1950-1955), os Vestiários do Londrina Country Clube (1951) a residência Milton Ribeiro de Menezes (1952), e a ampliação da Santa Casa de Londrina (1952-1955) (GUADANHIM, 2002; SUZUKI, 2003; REGO, 2012).

3 A partir da década de 1950 Lohbauer centrou sua atuação em São Paulo. Todavia, uma revisão de sua obra faz notar que os projetos com finalidades mais diversificadas estiveram no norte do Paraná. Lohbauer projetou mais cinemas e igrejas nesse período e naquela região do que no restante de sua carreira. Além disso, foi apenas nessa localização que o arquiteto projetou estações rodoviárias (três), hospitais (dois), e fóruns (dois) e uma praça pública.

2 O CONJUNTO DE PROJETOS NORTE-PARANAENSES: UMA QUESTÃO DE ESTILO.

Philipp Lohbauer projetou mais de cinquenta edificações para o norte do Paraná. Eram projetos que variavam em tamanho, complexidade, relevância e status. Dentre as cidades para que Lohbauer projetou, Londrina foi a que mais recebeu projetos, incluindo um dos primeiros edifícios verticais de uso misto da cidade: o Edifício EBC, de 1949. Nessa cidade projetou também as torres da Igreja Matriz (1949), o Fórum (1947) e o Edifício Chevrolet (1947) - atual Edifício Autolon, cujo projeto acabou sendo preterido pelo de Artigas e Cascaldi. Há ainda uma porção projetos de caráter residencial, como as residências Kretsch (1944) e as casas populares (1950).

Figura 2: Torres da igreja Matriz (à esquerda) e fórum de Londrina (à direita), projetos de Lohbauer.



Fonte: Museu Histórico de Londrina.

Mas Lohbauer não projetou apenas para a cidade de Londrina. Entre os anos de 1942 e 1953 há projetos distribuídos em outras cinco cidades da Companhia de Terras: Mandaguari, Maringá, Apucarana, Rolândia e Marialva. Para Mandaguari Lohbauer projetou uma série de edificações de caráter institucional: a estação rodoviária (1948), a igreja (1948), a praça (1949), o parque infantil (1948) e o aeroporto (1942). Em uma menor proporção, também apareceram projetos em outras cidades norte-paranaenses, como Cornélio Procópio, Assaí e Jacarezinho. E há ainda cinco propostas de projeto para a capital do estado, Curitiba, dentre elas uma proposta para Teatro Oficial do Estado, de 1948.

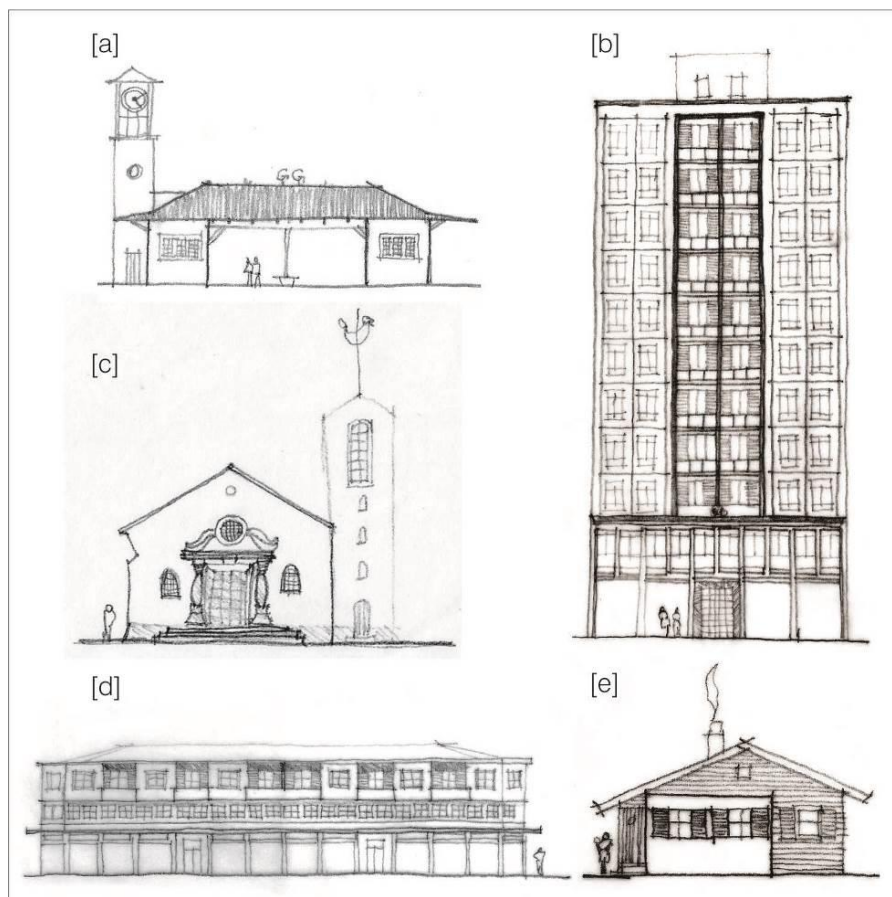
Trata-se de um conjunto de projetos de uso residencial, comercial, mista, religiosa e institucional, cuja maior expressão está em sua variação estilística⁴. E o que se afere nas obras norte-paranaenses de

⁴ A sistematização completa dos projetos norte paranaenses de Lohbauer pode ser vista em OLIVO (2014). Já o registro gráfico dos projetos de Lohbauer pertence principalmente ao Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Lohbauer, nessa década, não é uma evolução linear de estilo, ou de valores de arquitetura, mas a recorrência a distintas abordagens, que coexistem. Nesse sentido, a questão aqui colocada é da natureza daquela assinalada por Colquhoun (2004, p. 23) ao afirmar que “a ideia de que os valores mudam e se desenvolvem com o passar do tempo histórico está, atualmente, tão arraigada no senso comum que é difícil imaginar um ponto de vista diferente”.

Com efeito, o conjunto de projetos aqui analisado apresenta diferentes estilos, empregados simultaneamente e recorrentemente – um não inviabiliza o outro nem o substitui, independentemente de localização e da data em que foram elaborados. Porém, os estilos não são empregados aleatoriamente. Eles são estabelecidos conforme a finalidade de cada obra.

Figura 03: As fachadas dos projetos e seus usos. [a] Estação Rodoviária de Mandaguari, 1948 [b] Edifício ECB em Londrina, 1949 [c] Igreja Metodista em Londrina, 1945 [d] Edifício Raimundo em Londrina, 1945, [e] Residência Kretsch, 1944.



Fonte: Acervo da autora.

Deste modo é possível compreender a conformação pitoresca vigente nos projetos culturais de Lohbauer, o racionalismo de natureza Art-Déco a que tendiam os projetos comerciais e mistos, o fato

de que edifícios eclesiásticos não dispensavam o ornamento e a configuração historicista, e ainda, as composições de fachada muito variadas – mas em geral pitorescas – examinadas nos projetos residenciais. A figura 03, acima, permite verificar estes contrastes de estilo.

Essa orientação projetual certamente indica a preocupação compositiva do projetista e, conseqüentemente, sua sensibilidade para com o caráter dos edifícios. Pois o caráter de uma edificação pode ser entendido como a expressão da intenção arquitetônica, e diferenças de caráter conduzem a diferenças de estilo (cf. ROWE, 1999, p.70).

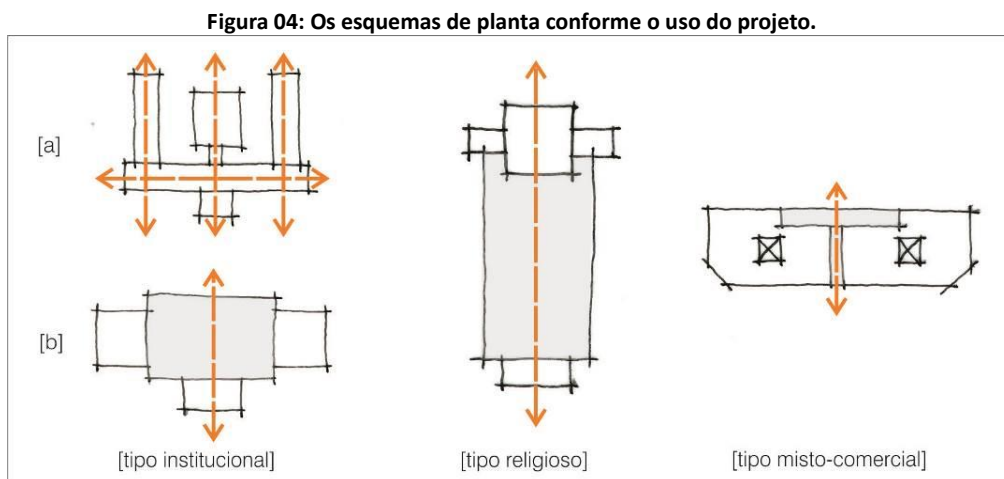
3 COMPOSIÇÃO ACADÊMICA COM ASPECTOS FUNCIONAIS

Lohbauer empregou, portanto, diversos estilos em seus projetos norte-paranaenses – ou em uma expressão mais contemporânea, adotou distintas estratégias projetuais (MONEO, 2008). Os seus projetos eram ‘vestidos’ diferentemente e, para fazer isso, o arquiteto conferia autonomia à fachada, muitas vezes espessando o limite vertical da edificação, que formava um plano homogêneo passível de livre composição (este artifício foi recorrentemente visto no grupo de projetos de uso religioso e misto). Porém, como já apontado, cada estratégia era deliberada conforme a finalidade da edificação. De acordo com Cohen (2013, p.19), “vários expoentes do ecletismo usavam o passado não como um supermercado onde buscar ornamentos históricos, mas como um parâmetro para avaliar a linguagem ‘verdadeira’ e ‘correta’ a ser adaptada a cada programa”. Pode-se notar uma postura semelhante nos projetos de Lohbauer para o norte do Paraná.

Além disso, Lohbauer recorreu ao tipo para melhor atribuir identidades formais aos diferentes grupos de projetos. Neste ponto, cabe lembrar que para Argan (2008, p.271), o tipo é “um esquema ou um esboço de uma forma” que é análoga a uma série de projetos. Já Martinez (2000, p.109) descreve essa identidade formal como forma-base: “a etapa do desenho em que estão definidas as principais relações entre suas partes”. A partir dela, e mesmo que problemas idênticos tendam à mesma solução formal, cabe ao arquiteto “agir nele [no tipo], destruí-lo, transformá-lo, ou respeitá-lo” (MONEO 1978, p.23, tradução nossa).

Tendo isso em mente, pode-se reconhecer que o tipo institucional por vezes apresentava estruturas geométricas, em arranjos de planta sintéticos e simétricos, que sempre partiam de um espaço central, estavam dispostos em um sistema de eixos, além de apresentar componentes pitorescos. Por sua vez, os projetos eclesiásticos apresentavam organizações muito tradicionais, compostas por naves retangulares e simétricas, que recebiam uma fachada principal de caráter representativo e alegórico.

O tipo misto-comercial estava estruturado em composições subtrativas, ou de “partido compacto” (MAHFUZ, 1995, p.78) e revestido de ornamentos geométrico-lineares. Dentre os grupos esta é a estrutura tipológica mais clara. Já os projetos residenciais mostram estruturas de planta e composições de fachada variadas (com organizações geométricas múltiplas: projetos com composições centralizadas, lineares e subtrativas, revelando tanto formas mais regulares e compactas quanto formas livres e recortadas), também recorrendo a diferentes referenciais estilísticos, e até mesmo expressando o “estilo funcional”. Com isso, a definição de sua estrutura tipológica era menos precisa, percebendo-se uma maior tendência a particularização e a experimentação formal. Estes esquemas podem ser vistos na figura 04.



Fonte: Acervo da autora.

Por um lado, a análise formal dos projetos de Lohbauer para o norte do Paraná faz lembrar um modo de projetar essencialmente acadêmico. Por outro lado, estes projetos possuíam, independentemente de sua finalidade, aspectos pragmáticos e, portanto, racionais.

Apesar de variadas estilisticamente, as fachadas basicamente correspondiam às relações formais e funcionais já estabelecidas bidimensionalmente. Os projetos frequentemente apresentavam conformações setorizadas – que arranjavam os itens e setores de cada programa conforme a circulação, a iluminação e a ventilação. Estes eram essencialmente resolvidos em planta, revelando cuidado com a estrutura e denotando uma noção de economia, muito embora a modulação não fosse um recurso determinante. Eram composições geométricas, com grande parte dos projetos aparecendo em formas regulares e subordinadas às regras clássicas de desenho, principalmente simetria, ordem e ritmo. Mas, por vezes, também foram notadas composições mais livres

(principalmente no uso residencial). E, as relações examinadas por todo o conjunto eram basicamente aditivas – em que se somam as partes do programa para se chegar a um todo eficiente. Tudo isso mantendo o rigor construtivo e o apuro técnico característico de um arquiteto alemão formado em uma escola politécnica, mostrando que a forma arquitetônica não dependia apenas das questões impostas pela técnica.

Essa apropriação do arquiteto tanto de princípios formais acadêmicos, de decisões estilísticas, quanto de aspectos funcionalistas – o que poderia sugerir uma prática de projeto ambígua – certamente aponta para um método de projetar transitório. Nesse caso, é possível uma associação com o método de projeto de J. N. L. Durand, enunciado em seu livro principal em 1802, décadas depois rememorado sob o nome de Composição Elementar, no contexto do ensino da escola de Belas Artes parisiense, por seu discípulo Julien Guadet (MARTINEZ, 2000; 2003). Esse método de projeto “justificava uma arquitetura racional respaldando-se puramente na economia e na utilidade” (COLQUHOUN, 2004, p.72), libertando-o do rigor formal pleno - além de tornar a escolha de referenciais estilísticos compulsória. Ainda que ligado a premissas acadêmicas, este método está no cerne do projetar moderno.

De fato, examinar os projetos norte-paranaenses de Lohbauer através da “tipologia funcional” (MARTINEZ, 2000) é reconhecer uma obra afinada com a característica transitória do próprio método durandiano. Sob esse ponto de vista, é possível admitir que os projetos de Lohbauer se ligassem a procedimentos acadêmicos e funcionalistas, mostrando alternância e gradação entre estilos e contradizendo a ideia de uma evolução estilística linear. Longe de responder às demandas locais por progresso e modernidade com uma expressão única, abstrata, padronizada e mais impessoal – aquela pregada pelos funcionalistas (ROWE, 1999, p.81) - a arquitetura norte-paranaense de Lohbauer aponta que o ‘significado’ do edifício remanesca na sua forma e não no seu conteúdo (COLQUHOUN, 2004, p. 50).

4 CONCLUSÃO

A consolidação da cultura do café, a alta dos preços do produto, e o desenvolvimento da atividade terciária certamente favoreceram um crescimento mais acelerado de Londrina nos anos 40. A contagem populacional evidencia este dinamismo, já que nos 10 primeiros anos de fundação Londrina atingiu cerca de 10 mil habitantes, enquanto que nos anos seguintes essa quantia foi mais que triplicada (PRANDINI, 2007, p.103). Nesse interim, os vínculos com a metrópole paulista não se



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

faziam apenas na esfera econômica, mas apareciam também como referências culturais. Sem dúvida, a transformação modernizadora que estava na base da cultura norte paranaense ressoava no desejo pelos ícones de modernidade vistos lá, e cabia às iniciativas locais perseguir estas imagens, possibilitando a atuação de profissionais forâneos na região.

Nesse sentido, a arquitetura modernista se apresentava como resposta estética ao turbilhão da modernização, já que as transformações econômicas, sociais e culturais demandavam novos procedimentos, novos programas, e naturalmente, uma nova forma. Diretamente, a arquitetura modernista representou a compreensão dessas necessidades modernas, exprimindo-as de uma maneira universalizada. Na região, esta arquitetura se afirmaria apenas na década seguinte, nos anos de 1950. Na paisagem norte paranaense dos anos 40 “não [era] raro encontrar-se, mesmo nas ruas comerciais do centro, ao lado de uma pequena casa de madeira, um edifício de construção moderna, num contraste flagrante” (PRANDINI 2007, p.95). Desse modo, “boa parte dos edifícios construídos em Londrina não se alinhava com a arquitetura modernista” (REGO, 2012, p.12), mas apresentava diversas conformações estilísticas, sem deixar de expressar uma imagem moderna – mais no sentido daquilo que era novo do que consoante com o estilo internacional de arquitetura. De fato, “o Brasil não deixou de sentir a voga modernizadora europeia dos anos de 1910 a 1930”, mas ela se manifestou de diversas maneiras e adotou diversas linguagens, sempre com um intuito de renovação, caracterizando um “modernismo pragmático” (SEGAWA, 2002, p.54).

Observando esse contexto cultural é possível assinalar a imagem progressista da obra de Lohbauer. Ali o arquiteto construiu uma obra plural e eclética. O resultado não deixava de ser moderno, embora estivesse distante dos modernistas. Por certo, seus projetos ganhavam conotação moderna através de um desenho (localmente) inovador, da aplicação de novos materiais e técnicas construtivas, ou mesmo através de um desenvolvimento em altura, mesmo que não se alinhassem ao estilo do movimento moderno.

Isso porque os projetos continham soluções e preocupações funcionais, segundo estratégias projetuais adotadas em conformidade com as suas finalidades. Assim, os projetos estavam sujeitos ao tipo e à expressão estilística considerados pertinentes pelo arquiteto. Em suma, projetos com aspectos relevantemente racionais, porém de aparência eclética. Na verdade, na própria “tipologia funcional” de Duran uma linha demarcatória é pouco clara. Banham (2003) explora esta questão começo do século XX, fazendo notar a conexão das normas compositivas da tradição acadêmica e o movimento moderno, em uma transição de um aprendizado essencialmente classicista e para outro



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

que evidenciava as necessidades programáticas e técnicas emergentes. Esse parece ser o caso de Lohbauer.

7 REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. Sobre a tipologia em arquitetura. [1962] In: NESBITT, K. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

BARNABÉ, M. F. *A organização espacial do território e o projeto da cidade: o caso da Companhia de Terras Norte do Paraná*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1989.

BANHAM, R. *Teoria e projeto na primeira era da máquina*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; *Catálogo de Projetos de arquitetura*, Disponível em: http://www.fau.usp.br/fau/secoes/biblio/on_line/index.php

COLQUHOUN, A. *Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-1987*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COHEN, J. *O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

GUADANHIM, S. J. *Influência da arquitetura moderna nas casas de Londrina: 1955-1965*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2002.

LIMA, F. *Prestes Maia em Londrina: moderno em que sentido?* Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2000.

LUZ, F. *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*. Maringá: A Prefeitura, 1997.

MAHFUZ, E. *Ensaio sobre a Razão Compositiva: uma investigação da natureza das partes e o todo na composição arquitetônica*. Viçosa: UFV, Impr. Univ.; Belo Horizonte: AP Cultural. 1995.

MARTÍNEZ, A. C. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

_____. *O Problema dos Elementos na Arquitetura do século XX*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PROPAR, 2003.

MONEO, R. *Inquietação Teórica e a prática Projetual*. São Paulo: Cosac & Naif, 2008.

_____. *On Typology*. *Oppositions*, n.13, p. 22-45. Cambridge MA: The MIT Press, 1978.

MONBEIG, P. A zona pioneira do Norte do Paraná. In: FRESCA, T. M.; CARVALHO, M. S. de. (Org.). *Geografia e Norte do Paraná: Um resgate histórico*. Londrina: Humanidades, 2007. v.2. p. 1-18. Originalmente publicado na Revista Geografia, São Paulo, v.1, n.1, p.221-238, 1935.

MÜLLER, N. L. Contribuição ao estudo do norte do Paraná. In: FRESCA, T. M.; CARVALHO, M. S. de. (Org.). *Geografia e Norte do Paraná: Um resgate histórico*. Londrina: Humanidades, 2007. v.2. p. 19-70. Originalmente publicado no Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.22, p. 55-97, 1956.

OLIVO C. M. & REGO R. L. *Ordenar a cidade, habitar moderno: Prestes Maia em Londrina*. Revista URBANA - CIEC/UNICAMP, v.06, n.08, 2014.p.514-532.

OLIVO C. M. *Arquitetura e estratégias projetuais de Philipp Lohbauer para o norte do Paraná*. Dissertação de Mestrado. Maringá: UEM, 2014.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

REGO, R. L. *Importing planning ideas, mirroring progress: the hinterland and the metropolis in mid-twentieth-century Brazil*. *Planning Perspectives*, v. 27, n. 4, 2012. p. 625-634.

_____. *As cidades plantadas*. Londrina: Humanidades, 2009.

ROWE, C. *Carácter y composición, o algunas vicisitudes del vocabulario arquitectónico del siglo XIX*. In: Rowe, C. *Manierismo y arquitectura moderna y otros ensayos*. Barcelona: GG, 1999. p. 63-89.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil – 1900-1990*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2002.

SUZUKI, H. J. *Artigas e Cascaldi – Arquitetura em Londrina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Idealizações de Modernidade - Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina 1949-1969*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2007.

PRANDINI, N. Aspectos da geografia urbana de Londrina. In: FRESCA, T. M.; CARVALHO, M. S. de. (Org.). *Geografia e Norte do Paraná: Um resgate histórico*. Londrina: Humanidades, 2007. v.2. p. 87-114. Originalmente publicado nos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo: AGB, 1954. v. 6.

YAMAKI, H. *Labirinto da Memória: Paisagens de Londrina*. Londrina: Humanidades, 2006.